

Diálogo Global

EDITORIAL

Este terceiro número da Diálogo Global expande o seu alcance. Equipes de tradutores – uma no Japão e a outra no Brasil – se juntaram voluntariamente às cinco já existentes para acrescentar outros dois idiomas. Através desta rede de equipes, a Diálogo Global está construindo a sua própria comunidade internacional de jovens sociólogos. Este número traz uma entrevista com um dos grandes arquitetos do internacionalismo — o Presidente da Sociedade Japonesa de Sociologia, Shujiro Yazawa — seguido dos planos da vice-presidente da ISA, Maragreth Abraham's, para o Fórum Mundial da ISA que ocorrerá na cidade de Buenos Aires, em 2012. O tema — Justiça Social e Democratização — foi proposto pelos organizadores locais, Alberto Bialakowsky, Presidente da Associação Latino-Americana de Sociologia (ALAS), e Alicia Palermo, Presidente da Associação Argentina de Sociologia (AAS), e também foi endossado pelo Comitê Coordenador de Pesquisa. Este é especialmente apto em lançar luz aos movimentos sociais na América Latina, e mais recente e notavelmente na Tunísia e no Egito. Nós também continuamos o diálogo sobre o sentido do internacionalismo hoje: Ulrich Beck responde a Raewyn Connell, Helma Lutz reflete sobre o “cosmopolitismo” na Alemanha, e Sari Hanafi explora as visões por trás do “multi-versalismo”. Nós temos relatos da China, Malásia, Austrália, Polônia, Colômbia e das Nações Unidas. Jennifer Platt escreve sobre a história do escritório da ISA, a dinâmica da infra-estrutura do internacionalismo da sociologia, enquanto Jen Schradie pergunta se as novas tecnologias de informação, das quais o nosso aumento da comunicação depende, estão atualmente excluindo sociólogos de muitas partes do mundo.

NESTA EDIÇÃO:

Editorial.....	1
Um internacionalista <i>par excellence</i>	1
Forum Mundial, Buenos Aires 2012.....	1
DEBATE	
Beck responde a Connell.....	3
Do Cosmopolitismo à Sociologia Pública.....	3
Conferência sobre Multi-versalismo	8
DAS REGIÕES	
China: Desafiando o desenvolvimento econômico.....	9
Austrália: para onde vai o cânone?.....	12
Polônia: Círculos científicos.....	12
Malásia: Mudança ambiental.....	11
Colômbia: Sociologia engajada.....	14
ONU: Crime organizado.....	10
REFLEXÕES	
Esquina da história.....	4
A divisão digital global.....	13
Sociologia e ativismo.....	15

SHUJIRO YAZAWA: INTERNACIONALISTA *PAR EXCELLENCE*

Shujiro Yazawa, Presidente da Sociedade Japonesa de Sociologia, viajou por todos os cantos do mundo, bebendo sociologia por onde quer que ele vá — uma encarnação daquilo que ele chama de multi-versalidade. Ele leciona Sociologia no Japão há mais de 45 anos, e publicou 15 livros e mais de 70 artigos. Ele serviu o Comitê Executivo da *International Sociological Association* de 1994 a 2002. Por muito tempo defensor da realização de um Congresso Mundial da ISA em solo japonês, seu sonho se tornará realidade em 2014. Michael Burawoy o entrevistou em um sushi bar de Yokohama em 6 de dezembro de 2010.

Professor Yazawa, por muitos anos você quis realizar o Congresso Mundial de Sociologia no Japão - por quê?

Porque realizar o Congresso Mundial de Sociologia é muito importante para o desenvolvimento da sociologia japonesa. Neste ano realizamos a 83ª Convenção Anual da Sociedade Japonesa de Sociologia, então temos uma tradição de mais de 80 anos de sociologia, mas em grande parte desse tempo foi sem contato direto com pesquisadores estrangeiros. Naturalmente, fazemos importações de muitas teorias sociais ocidentais, mas isso não

Continua na página 2

TANGO EM BUENOS AIRES

Por Margaret Abraham, Hofstra University, Vice-Presidente de Pesquisa da ISA



Lá vamos nós para Buenos Aires!

É com prazer que anuncio que o Comitê Executivo ISA selecionou Buenos Aires, Argentina, para sediar o Fórum ISA 2012 (de 1 a 4 de agosto). Interessados na transparência, o Comitê Executivo da *International Sociological Association* solicitou que propostas fossem enviadas para Comitês de Pesquisa (RCs), Grupos de Trabalho (WGs), Grupos Temáticos (TGs) e Associações Nacionais (NAs) para a alocação do Fórum de Sociologia ISA em 2012 com uma data final para submissão de 15 de novembro de 2010. Recebemos oito propostas, da Argentina (Buenos Aires), Finlândia (Helsinki), França (Paris), México (Cidade do México), Singapura, Turquia (Istambul), Reino

Continua na página 4

SHUJIRO YAZAWA (CONTINUAÇÃO)

nos ajudou a esclarecer o que é característico da sociologia japonesa.

Por exemplo, eu estou escrevendo uma introdução à Sociologia Japonesa para uma revista internacional, no entanto, eu não consigo encontrar um tema que defina a sociologia japonesa. Portanto, o que é sociologia japonesa? Certamente, nós podemos dar muitas respostas diferentes a essa pergunta, mas, mesmo entre os sociólogos japoneses, nós não sabemos qual é a essência da sociologia japonesa. Nós importamos muitas sociologias importantes — sociologias ocidentais — mas, em geral, os sociólogos japoneses têm sido bons em entender ou interpretar a sociologia ocidental, ao passo que o que nós realmente precisamos é explicar a sociedade japonesa usando a sociologia ocidental. Para isso, precisamos combinar a sociologia ocidental com a sociologia japonesa. É por isso que eu gostaria de organizar esse Congresso, a fim de desenvolver a sociologia japonesa com uma orientação universal. Naturalmente, não me refiro a uma universalidade de sentido único de modernidade, mas sim como parte de um tipo de multi-versalidade.

O que você quer dizer por multiversidade?

Multiversidade não é uma expressão minha. Ela está relacionada a Michael Kuhn e à Rede Mundial de Ciências Sociais e Humanidades. Ocorreu, recentemente, uma Conferência sobre esse assunto em Buenos Aires [relatada nesta edição da Diálogo Global]. Ao endossar o termo multiversidade, estou apoiando múltiplos universalismos, universalismos indígenas. Por exemplo, quando vamos a uma conferência de sociologia na Ásia Oriental, sociólogos coreanos tendem a enfatizar as tendências nacionais da sociedade coreana ou a história coreana. O mesmo vale para os chineses. Mas os sociólogos japoneses tendem a enfatizar a sociologia européia e a americana, sem qualquer tradição nacional própria. Influenciados pelos chineses e coreanos, nós estamos tentando desenvolver o nosso universalismo próprio — uma mistura da tradição nacional com a sociologia ocidental ou americana.

Tem havido resistência para ter o Congresso da ISA aqui?

Não, não, não. É claro que a ISA solicitou-nos diversas vezes a realização do Congresso Mundial no Japão — eu me lembro de três vezes desde 1960 —, mas toda vez alguns pensavam que nós não estávamos prontos porque não tínhamos os recursos financeiros. Então, um problema é conseguir dinheiro para organizar um Congresso Mundial de Sociologia. Ao mesmo tempo, outros perguntavam qual é o mérito de organizar um Congresso Mundial de Sociologia no Japão? Porque nós temos um mercado interno relativamente grande, os professores podem vender muitas cópias de seus próprios livros, e assim aumentar sua reputação sem ir além do Japão, sem ter nenhuma reputação entre os estudiosos internacionais. Eles têm pouco interesse na competição internacional, e quando me propus a organizar um congresso internacional, alguns se queixaram de que eu sou muito orientado para os estrangeiros! No Japão, temos uma distinção muito clara entre os poucos sociólogos de orientação internacional e uma maioria de sociólogos orientados nacionalmente. Então é necessária uma iniciativa excepcional para realizar um congresso mundial aqui no Japão.

Você sempre foi um internacionalista?

Sim. Nasci em 1942, em Ginza e, embora eu fosse muito pobre, meu parque de diversões eram as lojas de departamento onde vendiam produtos estrangeiros. Quando eu ia à loja de departamentos, eu sempre ia ao quinto andar contemplar os equipamentos esportivos, especialmente os equipamentos de beisebol que vinham dos Estados Unidos. Além disso, eu ia regularmente à biblioteca pública para estudar, porque naquela época era muito difícil para eu encontrar um lugar para estudar em casa. Eles dividiam a biblioteca em uma seção para crianças e uma seção para adultos, mas eu sempre passava um tempo na seção de adultos. Eu gostava de ler livros, quaisquer livros.

Conte-nos sobre a sua educação.

Bem, eu aprendi inglês na escola secundária. Mas, além disso, meu pai era dono de uma editora especializada na impressão de livros em inglês. Então, ele sabia inglês muito bem, e, através dele, eu aprendi a ler. Na escola, eu já era um radical e, em 1960, entrei para o movimento contra o Tratado Japão-EUA. Infelizmente, o protesto foi derrotado na época em que entrei na Universidade de Tóquio em 1962. O movimento estudantil já estava em declínio. Nós organizávamos muitas manifestações, mas poucos participavam, nós éramos sempre ultrapassados em número pelos policiais!

Você estudou Sociologia na universidade — mas que tipo de sociologia existia no Japão em 1962?

Acho que devemos dizer que foi uma espécie de estranha mistura entre o funcionalismo estrutural parsoniano e o marxismo, e, entre essas duas tendências, estudamos Weber, Simmel e Durkheim. Ambos o funcionalismo estrutural e o marxismo eram bastante influentes entre os

Continua na página 5

COMISSÃO EDITORIAL

Editor: Michael Burawoy

Editores Executivos: Lola Busuttil, August Bagà, Genevieve Head-Gordon

Editores Associados: Margaret Abraham, Tina Uys, Raquel Sosa, Jennifer Platt, Robert Van Krieken

Conselho Editorial: Izabela Barlinska, Louis Chauvel, Dilek Cindoglu, Tom Dwyer, Jan Fritz, Sari Hanafi, Jaime Jimenez, Habibul Khondker, Simon Mapadimeng, Ishwar Modi, Nikita Pokrovsky, Emma Porio, Yoshimichi Sato, Vineeta Sinha, Benjamin Tejerina, Chin-Chun Yi, Elena Zdravomyslova.

Editores Regionais:

Brasil: Gustavo Taniguti, Juliana Tonche, Pedro Mancini, Fabio Silva Tsunoda, Juliana Oliveira Carlos, Andreza Galli

Japão: Mari Shiba, Yoshiya Shiotani, Kousuke Himeno, Tomohiro Takami, Nanako Hayami, Yutaka Iwadate, Kazuhiro Ikeda

Espanha: Gisela Redondo

Taiwan: Jing-Mao Ho

RINS FRESCOS: O QUE A TEORIA COSMOPOLITA TEM A DIZER À SOCIOLOGIA DO SUL

por Ulrich Beck, Universidade Ludwig-Maximilian, Munique

A Diálogo Global, que acaba de ser lançada, corre sério risco de se tornar um exercício de monólogo global. Minha tese foi e é: Nós não estamos vivendo em uma era de cosmopolitismo, mas em uma época de cosmopolitização. Raewyn Connell indaga de forma retórica: “... podemos não ouvir a narrativa do norte nestes conceitos?”.

Deixe-me, em vista disso, iniciar listando sobre o que NÃO é a “cosmopolitização”. Ela não rejeita — como Raewyn Connell sugere — o esclarecedor universalismo da sociologia do século XIX. Ela não reflete “a experiência da minoria privilegiada, e a trata como a a nova realidade do mundo”; ela não é uma visão de algum lugar altamente específico, denominado Iluminismo Europeu; ela não pretende transmitir a rasa mensagem política de que “nós estamos todos conectados”, nem normalizar o imperialismo e as suas relações globais de poder.

O que então a noção de “cosmopolitização” tem a dizer? E por que é tão importante parar distingui-la claramente dos muitos “cosmopolitismos” (Kant, Hegel

, Habermas, Nussbaum, Appiah, Benhabib, Held etc) da filosofia europeia e da história do pensamento extra-europeu? “Cosmopolitização” não

diz respeito à ética, mas aos fatos. Não há nada tão informativo como um significativo exemplo para ilustrar isso: rins frescos.

A vitória do transplante médico (e não a sua crise!) varreu seus próprios fundamentos éticos e abriu as comportas para uma oculta economia que abastece o mercado mundial com órgãos “frescos” (Nancy Scheper-Hughes). Neste mundo radicalmente desigual, obviamente não há escassez de indivíduos desesperados dispostos a vender um rim, uma parte do fígado, um pulmão, um olho, ou até mesmo um testículo por uma ninharia. Isto é, de forma impura, o que de fato a existente cosmopolitização da privação significa: os excluídos do mundo, os economicamente e politicamente despossuídos — refugiados, desabrigados, crianças de rua, trabalhadores informais, prisioneiros, prostitutas, contrabandistas de cigarros, e pequenos ladrões — são atraídos a vender seus órgãos e, dessa forma, se tornam física, moral e economicamente “corporificados” em corpos extremamente resistentes e em pessoas que são ricas o bastante para comprar e “incorporar” os órgãos daqueles globalmente pobres.

Em nome do capitalismo neoliberal e do direito básico democrático à escolha ilimitada, valores fundamentais da modernidade — a soberania do corpo, o ser humano e o sentido da vida e da morte — estão sendo sacrificados sem que ninguém note o seu propósito: um processo que simboliza nossa época de cosmopolitização.

No corpo cosmopolitizado, paisagens, continentes, raças, classes, nações e religiões se fundem. Rins Muçulmanos purificam

Continua na página 6

DO COSMOPOLITISMO À SOCIOLOGIA PÚBLICA

Por Helma Lutz, Universidade Goethe, Frankfurt

Cosmopolitismo é um termo normativo enraizado no iluminismo; e é um conceito ético que é discutido ao redor do mundo em debates sobre percepções de justiça, democracia e direitos humanos. A tolerância parece ser uma pré-condição para o desenvolvimento de um habitus de cosmopolitismo, mas esse é um termo ambivalente. Por um lado, ele requer reconhecimento mútuo (por exemplo, de diferentes estilos de vida) e o estabelecimento de igualdade política, enquanto, por outro lado, ele pode ser usado como instrumento de poder, dominação e exclusão (tolerância repressiva). A disputa, então, é sobre se todos os tipos de diferenças culturais e étnicas que podem ou devem ser tolerados, e/ou como formas repressivas ou permissivas de tolerância podem ser legitimadas. Caso se veja a tolerância como pré-condição para o cosmopolitismo, então a questão permanece sendo: o que o cosmopolitismo pode significar no contexto da pluralidade étnica e cultural?

No contexto atual de espaço urbano, dentro de um Estado democrático, não pode existir o projeto elitista de um cosmopolitismo a partir de cima, mas sim um cosmopolitismo a partir de baixo. Stuart Hall fala desse segundo modelo e usa o conceito de cosmopolitismo vernacular, que deriva das experiências cotidianas de encontros entre diferentes estilos de vida culturais e sociabilidade. No entanto, Hall alerta contra a percepção da cultura como um conjunto de regras e tradições claro, único, coerente, integrado e orgânico: “O mundo não está dividido organizadamente entre culturas particulares distintas,

ligadas a cada comunidade...”. Ao contrário, o que precisamos é da consciência sobre as limitações de qualquer cultura e qualquer identidade. Em outras palavras, as pessoas não são formatadas por apenas uma comunidade ou grupo. Particularmente em espaços urbanos, a confrontação e influência mútua de uma grande variedade de expressões culturais é um dado. Ao mesmo tempo, há uma grande variação na apreciação e recepção das diferenças — enquanto alguns se concentram nelas ou até se tornam obcecados por diferenças



Thilo Sarrazin no epicentro de uma tempestade política

(visuais) (hábitos, roupas, tradições) e as percebem como uma expressão de distância de seu próprio modo de vida, outros se concentram no compartilhamento de práticas, valores e costumes. Esses últimos podem, por exemplo, se concentrar nas experiências compartilhadas de jovens, de mulheres, de mães. Dentro de sociedades urbanas esses grupos precisam descobrir uma maneira de viver uns com os outros, mesmo que seja pela prática da in-

Continua na página 7

TANGO EM BUENOS AIRES (CONTINUAÇÃO)

Unido (Birmingham) e Uruguai (Montevideu). Após uma revisão cuidadosa e votação, a Argentina foi selecionada como local número um devido ao baixo custo do evento (instalações gratuitas); baixo custo de vida para representantes; sua importância em termos de diversidade geográfica (lembrando que não houve uma conferência da ISA na América do Sul desde o Congresso na Cidade do México em 1982) e por pertencer à categoria econômica B utilizada pela ISA. Felicitações à Associação Latino-Americana de Sociologia (ALAS) e à Associação Argentina de Sociologia (AAS) e suas instituições colaboradoras. Obrigada ao presidente da ALAS, Alberto L. Bialakowsky e a presidente da AAS, Alicia Itati Palermo por apresentar esta proposta e dar a oportunidade de a Argentina sediar o evento.

Permita-me dividir com vocês os principais objetivos do Fórum ISA 2012:

- O primeiro e principal objetivo do Fórum da ISA é promover um encontro de diversos Comitês de Pesquisa, Grupos de Trabalho e Grupos Temáticos. Isto será refletido na organização do programa. Os organizadores estarão providos da maior flexibilidade possível no planejamento dos seus respectivos programas dentro dos limites dos horários programados (diretrizes serão providenciadas).
- O segundo objetivo importante do Fórum da ISA é desenvolver um tema social significativo envolvendo atores públicos e para a qual as diferentes áreas da sociologia podem contribuir. Isto oferece RCs, WGs e TGs a oportunidade de obter informações valiosas de atores públicos ao mesmo tempo em que provê para eles oportunidades para contribuir com o principal tema do Fórum que será avaliado pelo Comitê de Coordenação de Pesquisa e anunciado em breve.
- O terceiro objetivo do Fórum ISA é manter o provisório Encontro Executivo de Conselho de Pesquisa que é assistido por Representantes de todos os Comitês de Pesquisa.

O vice-presidente do Conselho de Pesquisa assume a responsabilidade de preparar o programa científico conjuntamente ao Comitê de Organização Local (LOC). Agora, deixe-me falar de como eu vejo o Fórum ISA contribuindo para as prioridades que propus como o Vice-presidente para Pesquisa da ISA. Primeiramente, eu acredito que o Fórum ISA fornece não somente uma atividade excelente, mas também uma oportunidade importante de ajudar a promover maior sinergia entre comitês de pesquisa e também entre comitês de pesquisa, grupos de trabalho e associações nacionais. As discussões e

diálogos que seguem várias sessões podem promover colaborações em projetos de pesquisa comparativas entre estudiosos de países do hemisfério norte e hemisfério sul.

Uma segunda prioridade é aumentar a diversidade nas perspectivas e participação de membros nas conferências da ISA, especialmente os grupos sub-representados, selecionando locais de conferência que sejam relativamente acessíveis, e lidando de maneira criativa com as barreiras de linguagem que impedem participação.

Continua na página 6

ESQUINA DA HISTÓRIA

Por Jennifer Platt, Universidade de Sussex, Vice-Presidente de Publicações

Os membros da ISA agora estão acostumados a ter Izabela Barlinska no centro das coisas, conduzindo o escritório de Madri. Ela está lá como Secretária Executiva desde 1987, mas esse longo período de estabilidade seguiu outro, de repetidas mudanças tanto de cargo como de locação. Locações anteriores foram: Oslo, Noruega (1950-1953); Londres, Inglaterra (1953-1959); Louvain, Bélgica (1959-1962); Genebra, Suíça (1962-1967); Milão, Itália (1967-1974); Montreal, Canadá (1974-1982); Amsterdam, Holanda (1982-1986). É de se notar que quase todas essas locações tenham sido na Europa, o que significa que apenas uma delas foi em um país inteiramente anglófono; nenhuma ocorreu na França, embora o francês sempre tenha sido uma das línguas oficiais da ISA, mas três outros países parcialmente francófonos tiveram sua vez. Em cada um desses casos, o Secretário Executivo foi um nativo do país onde o escritório estava situado, e a escolha da localização foi devida, em boa parte, à disponibilidade do local — não apenas pela vontade e competência dos candidatos, mas também por um bom apoio e facilidades institucionais. O estabelecimento de um escritório e uma secretaria mais permanente permitiu uma administração mais profissional para lidar com o maior número de membros e atividades que a ISA hoje possui. Secretários Executivos anteriores mantiveram postos acadêmicos enquanto trabalharam em tempo parcial para a ISA, de modo que havia, às vezes, uma equipe de dois ou três. Muitos deles tiveram carreiras reconhecidas em suas disciplinas; talvez os mais proeminentes tenham servido na década de 1950 — Stein Rokkan (posteriormente Vice-Presidente da ISA entre 1966-1970) e Tom Bottomore (Presidente de 1974 a 1978). Outros também serviram como membros do comitê executivo, ainda que o estatuto os impeça disso enquanto também mantiverem o posto de Secretário Executivo.

Para trazer a história para o presente, algumas palavras sobre a equipe atual. Izabela Barlinska, de origem polonesa, se associou muito precocemente à ISA, trabalhando como estudante colaboradora no Congresso Mundial em Uppsala, em 1978, e então se juntando à secretaria na organização do Congresso Mundial de 1982. Quando o escritório se mudou para Amsterdã, ela se tornou Secretária Executiva Representante, e finalmente Secretária Executiva na mudança para Madri. (Em Madri, ela se doutorou em Ciência Política e Sociologia). Seus colegas atuais são José Reguera (que trabalha para a ISA desde 1990 e é responsável pela base de dados e website), Juan Lejarraga (que, junto a José Reguera, está encarregado dos pagamentos devidos pelos associados, recibos, atualizações de endereços, etc.) e Melanie Bloem, que acaba de se juntar ao time e está aprendendo seu caminho entre as várias tarefas do escritório.



Equipe da ISA em Madri - Da esquerda para a direita: Juan Lejarraga, Melanie Bloem, Izabela Barlinska, Jose

SHUJIRO YAZAWA (CONTINUAÇÃO)

sociólogos *mainstream*, porque ambos tentavam explicar a sociedade como um todo. O marxismo soviético era importante porque, na época, o Partido Comunista do Japão era bastante forte. Mas havia outras tendências marxistas, incluindo o marxismo ocidental. De fato, em meados da década de 1960 não havia traduções para o japonês de Antonio Gramsci, tanto que quando eu participei da Primeira Conferência Internacional sobre Gramsci, em 1973, na Universidade de Washington, em St. Louis, eu me tornei uma espécie de professor para os estudantes americanos e professores que não conheciam Gramsci.



Professor Yazawa em um momento de reflexão

Então você fez seu doutorado em Sociologia?

Infelizmente naquela época não era costume escrever uma tese de doutorado, embora alguns sociólogos vieram a fazê-lo mais tarde em suas carreiras. Até o final dos anos 1980, a maioria dos sociólogos apenas escrevia uma tese de mestrado. No meu caso, foi dedicada à Sociologia e Pragmatismo. Eu queria estudar as principais características do imperialismo dos EUA. Você sabe que após a Restauração Meiji, importamos e imitamos tantas teorias estrangeiras que nós mesmos nos tornamos imperialistas, mesmo sem saber disso! Nós entendemos mal as teorias ocidentais, então eu decidi estudar o pragmatismo americano como uma espécie de ideologia do imperialismo dos EUA. Eu estudei principalmente William James e John Dewey, comparando-os com Charles Sanders Peirce, e, em seguida, sob a orientação do Professor Tominaga, um conhecido parsoniano japonês, estudei a relação entre o pragmatismo e o funcionalismo estrutural.

Então você está profundamente mergulhado na Sociologia americana?

Ah, sim. E depois que eu terminei meu mestrado, passei três anos na Universidade de Washington em St. Louis. Naquela época, eu consegui uma bolsa Fulbright, então eu estava completamente livre para participar de seminários e palestras diferentes. Mas eu também queria participar de algum tipo de movimento social nos Estados Unidos. Então, por exemplo, participei de um protesto contra uma empresa de vinho que estava tratando mal seus trabalhadores, e ajudei a classificar e organizar o arquivo do movimento sindical. Eu acho que

é essencial para nós estudarmos os movimentos sociais se quisermos entender a sociedade em profundidade.

E você também passou algum tempo com o grande radical Alvin Gouldner?

Sim, de fato. Mas o problema era que, embora o Professor Gouldner parecesse bastante radical, ele não participou dos movimentos sociais. Eram apenas suas ideias que eram radicais. Eu frequentei seus seminários, e me lembro bem de um sobre como escrever uma tese de doutorado que se baseava na pesquisa por trás de seus próprios livros, *Wildcat Strike* e *Patterns os Industrial Bureaucracy*.

Então, depois de St. Louis você voltou ao Japão para ensinar, mas o que você fez com toda sua sociologia radical?

Sim, eu não tinha um público óbvio. O movimento estudantil tinha desaparecido. Eu escrevi muitos artigos de revistas e livros, mas infelizmente não havia mais uma relação entre a minha teoria e a minha prática. Eu gastei meu tempo no campus. Eu dei aulas às mulheres estudantes da Faculdade Tsuda e a muitos estudantes de pós-graduação na Universidade de Hitotsubashi. Muitos se tornaram professores no Japão e alguns até se tornaram professores nos Estados Unidos.

Você ainda pensa em si mesmo como um radical?

Ah, sim. Eu sou contra o sistema do império. Eu sempre penso em mim como um sociólogo de base popular.

Você acha que os Estados Unidos ainda são um império tão forte como sempre foram?

Sim. Naturalmente, a forma de imperialismo está mudando – de imperialismo para império. [Risos] A hegemonia dos EUA continua. Mas há coisas boas também – a Revolução Americana foi uma das revoluções mais humanitárias na história da humanidade. Então, nesse sentido, eu gosto do povo americano, mas não os políticos *mainstream* americanos! E também não gosto da sociologia *mainstream*! [Risos]

Você acha que o Japão é um Estado imperialista?

De certa forma. De fato, uma das questões mais importantes é como superar o imperialismo no Japão. Após a Segunda Guerra Mundial, tivemos uma boa chance de superar o imperialismo, mas, infelizmente, nós falhamos. Nós temos um tipo de imperialismo sem império, que leva a uma hegemonia do Japão na Ásia por concessão. Na vida comum, a maioria do povo japonês tem dificuldade para se comunicar com pessoas estrangeiras, e são especialmente críticos a respeito da agressividade do povo chinês, sobretudo porque eles se tornam cada vez mais e mais fortes. Embora essa atitude possa parecer razoável, na verdade, por trás disso, está uma autoconcepção japonesa de superioridade.

Isso não é apenas nacionalismo?

É mais do que nacionalismo. Existe um forte desejo de voltar ao sistema cultural tradicional japonês, com base no sistema imperial de antes da Segunda Guerra Mundial. Até mesmo alguns políticos do Partido Democrata Liberal enfatizam a importância do sistema

Continua na página 7

TANGO EM BUENOS AIRES (CONTINUAÇÃO)

Como um corpo internacional de sociólogos nós devemos prestar muita atenção as fontes de poder e privilégio baseados nos status dos estados-nação, regiões, cidadania, etnicidade, raça, classe, gênero, e linguagem que modulam o fluxo da produção de conhecimento, disseminação da informação, e o consumo de investigação sociológica. O Fórum de Sociologia da ISA em Buenos Aires é um importante passo na valorização da diversidade regional assim como na expansão de nossas lentes sociológicas. Uma terceira prioridade relacionada é estabelecer maiores oportunidades para estudiosos

juniores de participarem nas atividades da ISA onde eles podem conhecer e colaborar com estudiosos

seniores internacionais. Precisamos expandir esses espaços para os sociólogos juniores e eu espero que o Fórum ISA 2012 crie uma sessão especialmente dedicada reunir estudiosos seniores e juniores. Uma quarta prioridade é melhorar as pontes entre sociólogos e ativistas na promoção da justiça social, através de pesquisa rigorosa que denuncie programas de ação e práticas no local, nacional, transnacional, e em níveis globais. Os tempos em que vivemos, exigem dos sociólogos um grande compromisso com o empenho em pesquisas fundamentadas na sociologia, mas baseiam-se em outras

disciplinas. Os problemas, os desafios, e as possibilidades de resolver a pobreza, acesso desigual à educação, injustiças globais, degradação ambiental, guerras em curso, erosão da democracia e a violação dos direitos humanos são só alguns exemplos de problemas que a ISA pode trabalhar e assim reforçar os laços entre a sociologia e a esfera pública. Aqui, mais uma vez, Fórum da ISA pode fornecer uma excelente plataforma para sociólogos serem pró-ativamente engajados na disseminação internacional, troca de informações e diálogo global, que juntos podem contribuir para uma mudança transformadora.

A seleção de Buenos Aires como local para o fórum ISA 2012 é uma primeira etapa

Continua na página 13

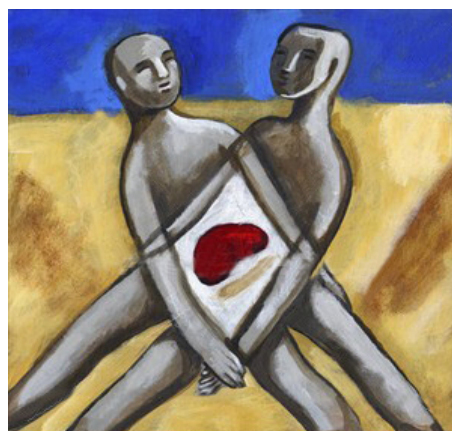
RINS FRESCOS (CONTINUAÇÃO)

o sangue Cristão. Racistas brancos respiram com a ajuda de um ou mais pulmões negros. A gerente loira olha o mundo através dos olhos de um menino de rua africano. A venda fragmentada de seus órgãos é o seu seguro de vida. Na outra ponta do processo, o “cidadão do mundo” biopolítico emerge — um corpo branco, masculino, gordo ou em forma, possuidor de um rim indiano ou um olho muçulmano, etc. Em geral, a circulação de rins segue as rotas de capital estabelecidas do Sul para o Norte, dos corpos pobres para os mais ricos, dos corpos negros e marrons para os brancos, e dos femininos para os masculinos, ou dos corpos masculinos mais pobres para os mais ricos. Mulheres raramente são beneficiadas por órgãos comprados em qualquer lugar do mundo. Disto se segue que a época da cosmopolitização é dividida e recombina em nações que vendedoras de órgãos e nações compradoras.

A época da cosmopolitização representa um mundo que, para melhor ou para pior daquilo o que todos nós compartilhamos, “não possui o lado de fora”, é “sem saída”, não há lugar para o “outro”. Temos que reconhecer que, independentemente da forma como brilhantemente e de forma incisiva nós criticamos a “narrativa do Norte”, ou ignoramos a “narrativa do Sul”, nós estamos destinados a viver nestes enquadramentos contraditórios e situações, interligados neste Mundo em Risco (Beck, 2009), não apenas sujeitos ao seu poder de dominação, mas também contaminados pelo seu auto-

risco, corrupção, sofrimento e exploração. Abandone todos os sonhos de autonomia que permitiriam que qualquer um ficasse de fora! E abandone todas as divisões de “racismo geográfico” entre as “vozes do Sul” e as “vozes do Norte” nas ciências sociais!

Isto é uma “narrativa do Norte”? Isto é uma “narrativa do Sul”? Não, são



Transplantes de órgãos - Um símbolo da cosmopolitização

ambas. E procurar maneiras de combinar estas perspectivas contraditórias de forma sistemática no nível da análise sociológica é do que se trata o “cosmopolitismo metodológico”.

Os “rins frescos” são a exceção? Não, processos de cosmopolitização fundamentalmente afetam e transformam todos os tipos de instituições intermediárias ao redor do mundo, como família, lar, classe, condições de trabalho e mercado de trabalho, escolas, vilas, cidades, ciência, movimentos sociais civis e religiões monoteístas. Eles existem em um mundo policêntrico onde o caráter crescentemente diaspórico da população

está abrigado dentro dos limites da maioria de seu estado ou em unidades semi-estatais. Processos cosmopolitizados também incluem fenômenos como a mudança climática, riscos financeiros globais etc. “Famílias globais” cosmopolitizadas, por exemplo, incorporam tanto o aparente paradoxo da intimidade à longa distância e as contradições do mundo; e estas contradições se realizam neles. Nem todas as famílias incorporam todas as contradições, mas algumas incorporam parte delas. Há casamentos, pais e casais com dupla nacionalidade e eles podem incorporar as tensões entre dois países ou entre as comunidades majoritárias e minoritárias nesses países, enquanto famílias migrantes podem incorporar as tensões entre o centro e a periferia. Famílias globais e intimidade à longa distância podem ser usadas para repensar o conhecimento convencional e preparar uma poderosa nova narrativa do “amor distante” e suas contradições. Ele reflete um estado de ignorância que foi programado nacionalmente e incorporado na lei. Disso resulta que o amor distante e as famílias globais tornam-se configurações em que as feridas culturais — a fúria e a raiva que as desigualdades globais em sua história imperial continuam a gerar nas almas dos daqueles que vivem — são suportadas e combatidas.

E também há a cosmopolitização maternal. A reprodução assistida abre um admirável novo mundo de opções (não há palavras para isso!): a “doadora de óvulos” ou a “mãe-de-aluguel”; (para traduzir em uma fórmula) “Minha mãe era uma doadora

Continua na página 15

SHUJIRO YAZAWA (CONTINUAÇÃO)

imperial. Sem o sistema imperial seria impossível, dizem eles, desenvolver a educação moral, forjar a integração nacional, ou mesmo avançar – esse tipo de coisa. Isso está profundamente enraizado no inconsciente das pessoas mais velhas. Na realidade, estamos diante de uma crise profunda desta era de globalização. Acho que o princípio das famílias, o princípio da comunidade e a ideologia japonesa, todos eles, que têm suas bases na modernização japonesa, não estão funcionando muito bem. Eles estão perdendo sua preponderância durante a globalização. Desse modo, como sociólogos, temos o dever e o privilégio de apresentar novos rumos e projetos sociais para o futuro da sociedade japonesa.

Você tem sido bem ativo na Sociedade Internacional de Sociologia por muitos anos. Está certo?

Sim. Particpei do Congresso mexicano em 1982, quando fui convidado para participar de uma sessão plenária e, desde então,

tenho participado de todos os Congressos. O Japão tem uma relação especial com a ISA. O Professor Odaka, que foi um dos meus orientadores na Universidade de Tóquio, foi um dos fundadores da ISA. Mesmo sendo um homem muito liberal, durante a guerra, foi muito difícil para ele expressar suas opiniões. Após a Segunda Guerra Mundial, ele percebeu a importância das opiniões e das relações internacionais e, foi por isso que ele compareceu a todas as conferências internacionais da ISA até o final dos anos 1960. Depois dele, o Professor Watanuki tornou-se vice-presidente da ISA. Em certo sentido, eu sou um sucessor do Professor Watanuki.

O que aconteceu, na sua opinião, à ISA desde que você começou a frequentar seus congressos há 30 anos atrás?

Está mudando. A ISA tem três pilares. Um dos pilares é, naturalmente, constituído pelas comissões de pesquisa, um segundo pilar é composto pelas associações nacionais, enquanto que o terceiro pilar é baseado em indivíduos. Até a década de 1980 e meados da década de 1990, as comissões de pesquisa eram o grupo mais forte na ISA, mas,

Continua na página 17

DO COSMOPOLITISMO À SOCIOLOGIA PÚBLICA (CONTINUAÇÃO)

diferença ou pelo engajamento mútuo. Na prática, o cosmopolitismo significa, portanto, negociação — negociar um compromisso entre igualdade e diferença não de uma vez por todas, mas continuamente. Esse processo de negociação não é, de maneira alguma, uma empreitada harmoniosa — é beligerante, controverso e exaustivo.

Deixe-me usar minha cidade, Frankfurt, como um exemplo. No último ano, como preparação para uma mudança na direção política da cidade, o Comissário de Integração da Cidade de Frankfurt, Nargess Eskandari-Grünberg, introduziu um novo conceito de integração e diversidade que foi debatido em centenas de reuniões locais e grupos de discussão na internet com tantos frankfurtianos quanto possível — pessoas de diferentes gêneros, idades, religiões, classes sociais, grupos étnicos, etc. No final de outubro de 2010, 47.000 pessoas haviam participado. O propósito dessas deliberações era incluir pessoas num diálogo sobre como se distanciar da tradição política de lidar com imigrantes e seus descendentes como isolados étnicos e, ao invés disso, se concentrar mais nas necessidades culturais de indivíduos com diversos estilos de vida. Que eu saiba, esse processo é único na Alemanha, e os políticos acumularam muito apoio popular por escutar, admitir e, algumas vezes até desafiar as visões de cidadãos comuns.

Contudo, Frankfurt não existe em um espaço separado do restante da nação. Durante o verão de 2010, um debate controverso foi iniciado por um membro proeminente do conselho de gestores do Banco Central Alemão, igualmente localizado em Frankfurt, Thilo Sarrazin, com a publicação de seu livro *Germany does itself in*. Em tal livro, Sarrazin desenha um futuro dominado pela extinção do “Povo” Alemão, alegando que os beneficiários do Estado de Bem-Estar Alemão e os Islâmicos seriam os culpados. De forma similar aos autores do infame *The Bell Curve*, que atribuiu os problemas sociais do afro-americano aos seus genes, Sarrazin aponta para o fundamento

genético da deterioração cultural entre populações marginalizadas da Alemanha. Ambos os livros almejam validar suas conclusões parciais em terrenos puramente científicos, utilizando estatísticas de um amplo espectro de pesquisa.

Embora a tese de Sarrazin não seja nova, a forma pela qual esse livro foi apresentado causou um impacto extraordinário no clima comunicativo da Alemanha. Sarrazin foi capaz de se catapultar no centro do debate político nos níveis nacional e local. Seu livro é um *best-seller*, com mais de um milhão de cópias vendidas. Ele é discutido

“

...Sarrazin desenha um futuro
dominado pela extinção do
“Povo” Alemão...

”

em cafés e nas esquinas, nos povoados e nas cidades. A mídia desempenhou um grande papel na promoção do livro e do debate. O autor, um social democrata e o ex-Ministro de Negócios Financeiros de Berlim, retratou-se e foi adotado como um “intelectual público”, aquele que não teme “falar a verdade” e “ousa quebrar tabus sobre o politicamente correto e problemas com migrantes, em particular aqueles da Turquia e países árabes”.

Esse debate conta com diversas tendências:

- A afirmação de que políticos e governo estão muito distantes das pessoas, tomam decisões sem o consentimento da maioria, e não estão preocupados com as preocupações de pessoas reais;
- A convicção de que a sociedade alemã deva ser uma sociedade culturalmente homogênea, e de que o Islã é uma ameaça;
- A crença segundo a qual a Alemanha não é um país de imigração e que imigrantes são um fenômeno temporário. O fato de que eles permanecem é um problema genuíno para a coesão da sociedade e para a identidade nacional.

Muitos intelectuais e políticos apoiaram Sarrazin, não

Continua na página 8

MULTIVERSALISMO: UM NOVO PARADIGMA?

Por Sari Hanafi, American University of Beirut, Comitê Executivo da ISA

O recém criado “World Social Sciences and Humanities Network” (World SSH Net) em cooperação com UNESCO - Instituto Internacional para Educação Superior na América Latina e Caribe (IESALC) e o Conselho Científico da Argentina (CONICET) realizou um workshop de três dias (de 28 a 30 de outubro de 2010) sobre “Os elementos culturais nas ciências sociais e no trabalho acadêmico — desafios epistemológicos e educacionais para a construção de um multiversalismo científico” na Escola Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO). Sociólogos, antropólogos, historiadores e biólogos de todo o mundo se reuniram em Buenos Aires para discutir o desafio de uma “necessidade crescente por conhecimento globalmente partilhado” num contexto de estruturas de exclusividades que fazem muitas formas de produção de conhecimento invisíveis.

Multi-versalismo se opõe ao uni-versalismo que silencia estudiosos no hemisfério sul. Multiversalismo é uma maneira de pensar as limitações do universalismo. Não se trata do ocidentalismo se opondo ao orientalismo, mas uma maneira de pensar o diálogo e a tradução

intercultural entre pesquisadores do norte e sul. O multiversalismo reconhece a dependência estrutural, mas, ao mesmo tempo, desenvolve estratégias para combater esta dependência. Cientes da internacionalização das ciências sociais, os participantes do workshop estavam preocupados com a forma como esta internacionalização pode ser sensível culturalmente, reconhecendo fontes múltiplas de conhecimento, inclusive o conhecimento indígena.

“

...Multiversalismo é uma maneira de pensar as limitações do universalismo...

”

Em seu discurso de abertura, Michael Kuhn, presidente do World SSH Net, focou na necessidade de substituir o universalismo das interpretações européias sobre o mundo por uma diversidade de interpretações do global. Sua apresentação examinou a natureza e os mecanismos de hegemonia do pensamento ocidental e ele propôs que o trabalho futuro do World SSH Net deveria: 1) divulgar os pressupostos epistemológicos do conhecimento das ciências sociais, 2) rastrear os modelos sociais incorporados em suas categorias e teorias politizadas e 3) desenvolver uma abordagem mundial para o pensamento da

Continua na página 9

DO COSMOPOLITISMO À SOCIOLOGIA PÚBLICA (CONTINUAÇÃO)

tanto por seus argumentos genéticos, mas sim por sua visão de que o politicamente correto constrangeu um debate sobre imigração, que o multiculturalismo é uma quimera da esquerda e que imigrantes — em particular os islâmicos — causam problemas. Tudo isso certamente contribuiu para a publicidade exagerada sobre o livro. De um lado, existiram e ainda existem políticos e intelectuais que se opõem a essa visão. O Partido Social Democrata deu passos para excluí-lo do partido e o Banco Alemão pressionou por sua exclusão do conselho de gestores, que foi convenientemente estabelecida por sua aposentadoria precoce. Por outro lado, políticos do alto escalão de todas as “cores”, feministas conhecidas, cientistas e artistas apoiaram o linchamento do Islã. O desfecho é uma complexa constelação de vozes e interesses, tanto a favor quanto contra imigração e muçulmanos, mas de forma geral a atmosfera é amarga e as posições estão se tornando mais e mais rígidas. Grupos de extrema direita foram beneficiados e parece que há muito pouca chance de trazer algum tipo de racionalidade a tal debate. Aqueles que tentam desafiar o diagnóstico de Sarrazin, apontando para vários resultados de pesquisa que contradizem suas sustentações empíricas, parecem lutar em uma batalha perdida. O espírito amargurado, poder-se-ia dizer, está fora da garrafa, e o aprendiz de mago parece incapaz de colocá-lo de volta.

O que isso significa para o debate sobre diversidade em Frankfurt? Como socióloga, poderia dizer que esse é um debate interessante, que gera muitas novas questões de pesquisa, que podem ser estudadas pela observação das várias partes envolvidas, pela análise da cobertura da imprensa, pela descrição das guerras da mídia, vestindo “antolhos” direcionados a uma dada visão para finalmente escrever um artigo “equilibrado” ou um livro sobre o resultado da questão de Sarrazin. É isso que Max Weber chamaria

“sociologia como uma profissão”, separando ciência da política, não se desviando da “descrição livre de juízo de valor”. Esse tipo de sociologia, porém, é contestada pelo que já foi chamado de sociologia radical e é atualmente chamado de sociologia pública a partir de baixo — aquela ligada à sociedade civil e seus agentes. Da perspectiva da sociologia pública — e aqui Adorno e outros eruditos da Escola de Frankfurt podem ser vistos como precursores — é importante intervir em debates que ameaçam ou distorcem o contato e comunicação abertos e respeitosos, especialmente onde certos grupos são tratados como bodes expiatórios por meio de uma demagogia populista.

Dessa maneira, é importante dar espaço a esses grupos que são mudos ou, pelo menos, inaudíveis — pessoas com e sem antecedentes de imigração, que compartilham locais de trabalho, que praticam esportes e estudam juntos em escolas e universidades, que são membros de famílias bi-nacionais, etc. Aqui eu penso que a Universidade e a cidade possuem interesses em comum: precisamos nos engajar em discussões públicas se almejamos garantir uma atmosfera de respeito mútuo, na qual estudantes podem desenvolver suas competências. É razoável supor que nossos estudantes são afetados, de uma forma ou de outra, por esse debate. Assim, minha súplica é por um projeto, um diálogo, que toma a questão de Adorno “*Wie kann man ohne Angst verschieden sein?*” (Como vivenciar a diferença sem medo?) como mote para um debate sobre as condições do cosmopolitismo que envolveria estudantes, professores, professores titulares, banqueiros, políticos, motoristas de táxi e assim por diante. Esse ser um esforço árduo, mas assim mesmo não totalmente utópico — de todo modo será uma contribuição para o abrandamento de hostilidades, e um passo adiante em direção ao cosmopolitismo a partir de baixo.

MULTIVERSALISMO: UM NOVO PARADIGMA? (CONTINUAÇÃO)

ciência social que liberte as ciências sociais do particularismo do conhecimento politizado. O *workshop* em si não se debruçou sobre a elevada discussão teórica, mas voltou-se para os estudos de casos do tipo “grounded”. Desta forma, Hebe Vessuri (Instituto Venezuelano de Pesquisa Científica) reclamou aos participantes que enquadrassem a discussão em termos de uma transição da cultura da “ciência” para uma cultura da “pesquisa”. Segundo Bruno Latour, a ciência é fria, linear e isolada enquanto a pesquisa é quente, envolvente e arriscada. A ciência põe um ponto final aos caprichos das disputas humanas, a pesquisa cria controvérsias; a ciência produz objetividade tentando escapar das amarras da ideologia, paixão e emoções. Para Vessuri, pesquisa e sociedade estão hoje imbricadas a um ponto em que não podem mais se separar. Ela argumenta que a pesquisa em ciências sociais está também passando por algumas mudanças interessantes. Diálogo, comparação e tradução são *mots d'ordre* neste momento.

Os participantes insistiram na importância de se reconhecer a diversidade da experiência humana. Chris Caswill (Universidade de Oxford) teorizou o que ele chamou de “prática da ciência social e conhecimento do dia-a-dia”, examinando três vozes de três continentes: Charles Lindblom dos EUA, Bent Flyvbjerg da Dinamarca na Europa e Catherine Odora Hoppers da África do Sul. Cada um está preocupado com as inter-relações entre a prática da pesquisa em ciências sociais, o conhecimento que a pesquisa gera e o uso que é feito disso.

Outros participantes apresentaram estudos de casos baseados em trabalhos de campo. Han Sang-Jin (Universidade Nacional de Seoul) apresentou um excelente exemplo de como a “sociedade de risco” de Beck quando estudada na Coreia do Sul produz uma interpretação crescente (“de baixo para cima”) de tradições culturais. Os riscos que os sul-coreanos enfrentam estão ligados ao colapso do tecido moral de uma sociedade em rápida modernização, e neste contexto, os pesquisadores devem prestar atenção às leis normativas do confucionismo.

Nestor T. Castro (Universidade das Filipinas) argumentou que o sistema educacional filipino privilegia conceitos ocidentais que não necessariamente se ajustam as realidades das filipinas. Na psicologia social, por exemplo, os estudantes aprendem o conceito de “self” em contraste com o “outro”, mas como alguém poderia considerar a palavra Tagalog *kapwa*, que grosseiramente significa “o eu no outro” e se refere a pares complementares, isto é, o valor da solidariedade em relação aos outros. Ele então defende uma abordagem multiversalista no ensino das ciências sociais em que os conceitos de ciências sociais sejam gerados de diferentes fontes, ocidente e oriente. A hegemonia da ciência ocidental foi também discutida por Kazumi Okamoto (Knowwhy Global Research) que analisou as dificuldades que pesquisadores japoneses encontram ao se comunicarem com estudiosos estrangeiros, especialmente em casos de divergência nos debates acadêmicos. A mesma hegemonia problemática foi destacada por Tania Pérez Bustos (Instituto Nacional de Estudos Avançados, Colômbia) com respeito aos pressupostos antropocêntricos da educação em ciência e tecnologia. Nese Karahasan (Universidade de Ankara) falou sobre como elementos culturais têm influenciado a pesquisa sociológica acadêmica na Turquia nos últimos 20 anos. numa

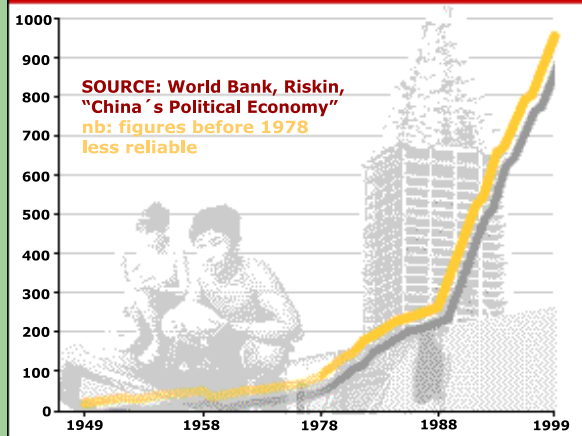
Continua na página 16

SOCIOLOGIA CHINESA ENCARA O DESAFIO DO RÁPIDO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO ¹

Por Peilin Li, Presidente da Associação Sociológica Chinesa

A reunião anual da Associação Chinesa de Sociologia de 2010, cujo tópico central é “O caminho chinês e desenvolvimento social”, tem importância simbólica. 30 anos se passaram desde a reforma e desde a política de abertura para o exterior. Nesse período, a China passou por turbulências políticas, flutuação econômica, SARS, o desastre de um terremoto e a crise econômica global. Contudo, nossa economia e sociedade sustentaram altas taxas de crescimento e desenvolvimento rápido, e forjaram o “Caminho chinês”, o “Modelo chinês” e a “Experiência chinesa”. Mais de 600 sociólogos de cerca de 30 províncias e cidades de todo o país, assim como sociólogos de outras nações e regiões da Ásia, estão participando de nossa conferência acadêmica anual em Harbin, neste ano. Além da conferência principal, há 23 fóruns especiais. A sociologia chinesa está numa era de rápida expansão, como pode ser visto a partir do número de pessoas quanto do número de fóruns.

China's economy Gross domestic product in US \$ bns



O estonteante crescimento econômico da China.

A crise econômica global recente e altas dívidas governamentais em alguns países europeus complicaram o desenvolvimento internacional: por um lado, a economia social global e a tecnologia científica se desenvolvem rapidamente, e a interação econômica e a interdependência aumentam entre diferentes países e regiões; por outro lado, a humanidade se defronta com diversos novos desafios com relação a recursos, meio ambiente, desenvolvimento desigual, conflitos regionais e segurança financeira. Como sustentar a paz e o desenvolvimento, em um ambiente tão complexo e em rápida transformação, e como garantir a ordem da sociedade internacional e a estabilidade são questões importantes e reais para nossa época.

O desenvolvimento econômico e social de nossa nação entrou numa nova fase de desenvolvimento depois da crise econômica global. Nesta nova fase, transformar o modelo de desenvolvimento, reduzir a desigualdade urbano-rural, coordenar o desenvolvimento

Continua na página 10

SOCIOLOGIA CHINESA (CONTINUAÇÃO)

regional e acelerar a construção social se tornaram questões cada vez mais importantes para o desenvolvimento. A China está elaborando agora seu 12º plano quinquenal. Os próximos cinco anos são um período essencial para o desenvolvimento, centrais para a realização do objetivo de instaurar a Sociedade Xiaokang (Sociedade Medianamente Abastada) até 2020.

Durante os 30 anos de Reforma e Abertura para o exterior, a sociologia chinesa entrou numa era de desenvolvimento sem precedentes. Ao longo desses 30 anos, a expansão da economia chinesa e a transformação de sua estrutura social forneceram solo fértil para o desenvolvimento da sociologia chinesa. Por sua vez, a sociologia chinesa deu importantes contribuições para o harmonioso desenvolvimento da China. Neste processo histórico, sociólogos observaram e analisaram fenômenos sociais cuidadosamente, propuseram e responderam importantes questões sociais e continuamente acumularam conhecimento acadêmico, estabelecendo a importância da sociologia entre as ciências sociais.

O rápido desenvolvimento econômico tem trazido todos os tipos de problemas, como o desperdício de recursos, a deterioração do meio ambiente, o aumento na desigualdade das rendas e pesadas dívidas locais. Muitos aspectos da sociedade chinesa não

melhoraram, como o ensino público, a proteção do trabalho, bem-estar social, assistência médica e desenvolvimento urbano-rural coordenado. Neste ano, houve diversos assassinatos em universidades e creches por vingança social, algumas greves de grande escala e uma dezena de suicídios de trabalhadores da mesma empresa. Os sociólogos devem prestar bastante atenção em todos estes problemas.

Com o rápido desenvolvimento de nossa nação, a sociologia chinesa recebeu cada vez mais atenção da sociologia internacional. Estabelecemos relações de cooperação com associações de sociologia nos Estados Unidos, França, Brasil, Índia, Japão e Coreia. Realizamos um Fórum do Sudeste Asiático com o Japão e a Coreia, assim como vários Fóruns dos BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China). A sociologia chinesa está começando a exercer mais e mais influência internacional.

Convidados e acadêmicos, a sociologia chinesa está encarando grandes oportunidades, e também passará por uma transformação geracional nos próximos 10 anos. Espero que vocês aproveitem esta oportunidade para trabalhar juntos, estudar importantes questões relativas a reforma e desenvolvimento, ajudar a geração jovem de sociólogos a crescer, iniciar investigações sociais profundas e cuidadosas, e deixar mais e melhores trabalhos na história da sociologia. Agora, declaro a abertura da reunião de 2010 da Associação Chinesa de Sociologia!

¹ Resumo do Discurso de Abertura da Reunião Anual da Associação Chinesa

O CRIME ORGANIZADO NA ONU

Por Rudolf Richter, Universidade de Viena, Representante da ISA no escritório da ONU em Viena

Compareci como observador à reunião da 5ª Conferência da Convenção das Nações Unidas Contra o Crime Organizado Transnacional. Ele ocorreu de 18 a 22 de outubro de 2010, em Viena, Áustria. A Conferência foi criada como um veículo para que os Estados participantes informem sobre a implementação da convenção de combate ao crime organizado internacional. Em matéria econômica, o Crime Transnacional é responsável por um fluxo enorme de dinheiro. Em uma exposição introdutória, o relator mencionou que o tráfico gera ganhos de 200 mil dólares a cada minuto em todo o mundo. Assim, a atividade é importante para os Estados em todo o mundo e a conferência começou com um debate geral envolvendo embaixadores e ministros das nações. Foram assumidos compromissos em torno da guerra contra o crime organizado, e a importância da cooperação internacional foi enfatizada. Uma das medidas de combate foi impedir criminosos de abrir contas bancárias. As sessões individuais lidaram com:

- Revisão da implementação da Convenção das Nações Unidas Contra o Crime Transnacional
- Protocolo sobre Tráfico de Pessoas
- Protocolo sobre Contrabando de Migrantes
- Protocolo sobre Armas de Fogo

Um cenário diverso e complicado foi desenhado. Argumentou-se que pode haver algo de benéfico no tráfico, especialmente quando ele ajuda refugiados e permite a migração visando o aperfeiçoamento

dos seres humanos. Ao mesmo tempo, também argumentou-se que tal migração seria possível através de canais legais. Para criminosos, o contrabando de migrantes é altamente rentável, um negócio de baixo risco. A comunidade internacional está buscando fazer dele um empreendimento de alto risco. Em contraste, o



Tráfico de pessoas

contrabando de armas é sempre visto como algo ruim. Novas formas de crimes transnacionais como os crimes virtuais e o tráfico de órgãos humanos ainda precisam ser incorporados à Convenção. As sessões plenárias discutiram a avaliação do crime organizado. Este deve ser supervisionado por pares selecionados internacionalmente e com o suporte de dados. A maioria dos países estava apressada para implementar a avaliação e mostrar atividades e realizações concretas, e outros estavam relutantes em aderir imediatamente à

Continua na página 11

SOCIOLOGIA E MUDANÇA NO MEIO AMBIENTE: UM RELATO DA MALÁSIA

Por Ruchira Ganguly Scrase, Presidente da Associação Sociológica da Ásia e Pacífico

A 10ª Conferência da Associação da Ásia Pacífica de Sociologia ocorreu em Kota Kinabalu, na Malásia, em dezembro de 2010. Ela foi co-organizada pela Universidade da Malaysia, Sabah (USM), e Universidade de Wollongong (UOW). O tema geral da conferência foi “Mudança Social e Ambiental: oportunidades e desafios para a Ásia-Pacífico”. A atualidade da natureza do tema atraiu grande atenção da mídia e recebeu extensa cobertura da imprensa local, tanto dos jornais quanto da televisão. Ainda que sociólogos geralmente não possuem a atenção do grande público, muitos participantes foram entrevistados, criando assim a possibilidade de projetar a significância da sociologia para além do mundo da academia.

Os principais conferencistas foram os professores Datuk Dr. Shamsul Amri Baharuddin, Diretor Fundador do Instituto de Estudos Étnicos (KITA) da Universidade de Kebangsaan Malaysia (UKM) e membro executivo da ISA, Ema Porio, professor do Departamento de Sociologia da Universidade Ateneo de Manila nas Filipinas e o senhor Chris Chong Chan Fui, nascido em Kota Kinabalu, Sabah, e é cineasta e artista visual. O professor Porio conferiu a palestra: “Mudança Social e Ambiental: oportunidades e desafios para a sociologia e para o(s) ofício(s) sociológico(s)” que gerou grandes discussões e debates, configurando o cenário da conferência. Embora no passado proeminentes diretores e jornalistas tenham participado das conferências da APSA, esta foi a primeira vez que a premiação de jovem cineasta fez parte da conferência. A recepção bem-sucedida do documentário de Chirs, “Dis-Location” nos fez pensar na possibilidade de incorporar tais empreendimentos nas conferências futuras, especialmente devido ao crescente interesse em sociologia da mídia entre estudantes de graduação e pesquisadores mais experientes. Media sociology among graduate students and early career researchers.

Mais de 150 sociólogos de 15 diferentes países compareceram à conferência. Foi animador ver um bom número de sociólogos oriundos das universidades europeias que trabalham em temas relacionados à Ásia participarem da conferência. Um número significativo de estudantes de graduação compareceu à conferência, trazendo novas ideias e desafiando as principais correntes do pensamento sociológico.

Conversando informalmente com as delegações tive a sensação de que a conferência foi um verdadeiro sucesso e apreciada pelos participantes. Na APSA um novo pós-graduando foi eleito representante, uma vez que Nichole Georgieu concluiu recentemente o doutorado. A nova representante é Briekena Qafa-Osmani, da Albânia, doutoranda em Sociologia e Antropologia na Universidade Internacional Islâmica, da Malásia. Com exceção deste cargo, o quadro executivo da APSA permanece inalterado. Tradicionalmente, na APSA o grande momento é o jantar de



Emma Porio, Comitê Executivo da ISA, conduzindo a Conferência da APSA.

encerramento. Dançarinos locais, os Kadazans, animaram as delegações. O secretário da APSA, professor Scott Baum, surpreendeu a todos nós demonstrando destreza atípica ao participar de um dos mais complicados números de dança. No mais, uma conferência de sucesso e bem organizada foi apreciada por todos e os projetos para a próxima conferência, que ocorrerá em 2012, já estão em andamento. A data e o local ainda estão para serem confirmados.

O CRIME ORGANIZADO NA ONU (CONTINUAÇÃO)

implementação e preocupados com os custos. Suporte financeiro é necessário e deveria ocorrer do Norte para o Sul. Todos concordaram com a necessidade de coletar mais dados baseando-se nas ferramentas estabelecidas pelo grupo de “experts” do escritório das Nações Unidas para Drogas e Crime, e de compartilhar experiências, o que seria mais importante do que fazer recomendações. As poucas ONGs com permissão para participar — e assim foram mais do que simples observadores — enfatizaram a importância de incluir a sociedade civil. Elas promoverem abordagens em torno da centralidade da vítima, o que estabeleceria medidas a fim de promover compensação, assistência material e a constituição de grupos auto-organizados. As questões mais importantes para os sociólogos parecem ser a

necessidade internacional de dados, e aqui sociólogos poderiam colaborar para reunir dados quantitativos e qualitativos. Dados quantitativos podem ser aprofundados com estudos de caso de nações, assim como da trajetória dos indivíduos. Sociólogos podem contribuir também com o treinamento de advogados e oficiais, em parceria com as organizações da sociedade civil. Colegas que trabalham ou interessam-se por essas atividades e querem contribuir com esta questão de importância internacional devem olhar no endereço eletrônico do UNODC (Escritório das Nações Unidas para Drogas e Crimes) e adquirir mais informações: <http://www.unodc.org/unodc>. As ONGs publicaram comentários em: <http://www.unodc.org/unodc/en/ngos/news.html>

INFORME DA AUSTRÁLIA

Por Dan Woodman, Universidade Nacional da Austrália

A conferência de 2010 da Associação Australiana de Sociologia (TASA) foi realizada na Universidade Macquarie, em Sydney, de 6 a 9 de dezembro. A conferência começou com uma noite de perguntas e respostas sobre sociologia. A reserva coletiva



Justin Lu, estudante de PhD, recebendo prêmio de Michael Gilding, presidente da TASA.

de segredos na comunidade australiana de sociologia foi sendo melhorada com o passar da noite (cuidado ao entrar em conversas informais com seus colegas australianos nos futuros eventos da ISA). Minha equipe de perguntas, em sua maioria composta por membros do grupo temático de Sociologia da Juventude da TASA, ficou em segundo lugar. O consenso coletivo foi que aquele segundo lugar era o ideal. Nós parecíamos inteligentes perante os nossos colegas, mas não tanto a ponto de sermos intimidadores. E, na grande tradição do igualitarismo da Sociologia da Austrália, o prêmio para o segundo lugar (quatro garrafas de vinho) era o mesmo prêmio dado ao primeiro lugar.

O palestrante de abertura da TASA 2010 foi Syed Farid Alatas. A apresentação do Dr. Alatas foi construída a partir de uma série de debates em conferências recentes da TASA a respeito da convocação de Raewyn Connell para uma “Sociologia do Sul”. O Dr. Alatas focou-se em mostrar como as teorias da maioria do mundo não-ocidental podem ser colocadas para dialogar com o “cânone” da sociologia e da literatura ocidental. A segunda palestra, de Mary Holmes, desafiou os delegados a considerar o papel central das

emoções na subjetividade contemporânea e a forma reflexiva com que as pessoas podem utilizar as emoções para moldar suas vidas. A sessão final contou com um painel de Raewyn Connell, Jack Barbalet e Michael Gilding que perguntava: “a sobrevivência do conceito de neoliberalismo tem utilidade?”. Foi sugerido que esse conceito pode levar a uma sociologia preguiçosa quando ele é usado para explicar muitas coisas, e que o conceito pode não caracterizar corretamente o capitalismo global contemporâneo. No entanto, o consenso parece ser que, se os sociólogos contemporâneos não dispusessem de um conceito como o neoliberalismo, algo teria que ser inventado.

As sessões simultâneas foram vibrantes. Eu gastei meu tempo participando de mesas de Sociologia da Juventude, nas quais a maioria das sessões foram embaladas até seu transbordamento e o debate foi tanto generoso quanto espirituoso. Todos os relatos das mesas concorrentes eram igualmente animados e concorridos. Assentos eram preciosos, deixando em pé alguns anciãos da sociologia australiana que chegassem atrasados para uma sessão. Alguns delegados mais desconfiados sugeriram que alguns professores estavam fazendo o seu melhor para parecerem velhos e frágeis, em uma tentativa de convencer seus colegas mais jovens a abrirem mão de seus assentos.

Minha impressão geral da conferência foi de que havia um foco menor na “crise”, quer do presente ou do futuro próximo, da sociologia australiana. Os apresentadores pareciam mais otimistas do que nos últimos anos sobre a contribuição feita pelos sociólogos da Austrália. Esse otimismo pode ser devido a um sentimento crescente de confiança — um sentimento de que temos uma voz, mesmo que não seja a mais influente nos debates públicos da Austrália contemporânea. Ou possivelmente isso esteja correlacionado a uma série de departamentos de sociologia contratando novos funcionários e ampliando-se ao longo do ano passado até agora. Ou talvez seja simplesmente uma sensação de alívio a respeito das nossas circunstâncias de financiamento que não parecem tão terríveis quando comparadas àquelas que enfrentam o pequeno grupo de nossos colegas do Reino Unido, que fizeram

uma longa viagem para este lado do mundo para participar da conferência da TASA.

Uma nota final, apesar de todos os bares da universidade estarem fechados devido às férias de verão, a conferência teve uma fantástica atmosfera social. Muitas conversas começavam durante o dia e continuavam noite adentro. Locais para socializar fora do campus foram rapidamente encontrados e histórias, sem dúvida, serão contadas em conferências da TASA por muitos anos que estão por vir sobre o grupo de 15 ou mais professores de sociologia bem-educados que eram fisicamente escoltados (expulsos) de um bar próximo ao campus por volta das 3 horas da manhã. Minha colega, Ani Wierenga, sugeriu que um prêmio deveria ser oferecido na conferência do próximo ano para a melhor análise sociológica (ou mesmo lembrança!) da cadeia de eventos que conduziram ao vergonhoso confronto entre o intelectual e o leão-de-chácara. A conferência do próximo ano será realizada na Universidade de Newcastle, no norte da costa, a duas horas de carro de Sydney, que foi recentemente enumerada pela bíblia de viagens *Lonely Planet* como uma das dez cidades “que se deve ir” em 2011. Para os nossos colegas internacionais, onde os recursos permitem, 2011 parece um grande ano para ir e participar da Conferência da TASA.

CÍRCULOS CIENTÍFICOS – UM PROJETO DE JOVENS SOCIÓLOGOS POLONESES

Por Tomasz Kukolowicz, Universidade de Varsóvia e Lukasz Srokowski, Universidade de Wroclaw

A seção dos “Círculos Científicos” faz parte da Associação Polonesa de Sociologia (APS). Cerca de 100 estudantes de 15 universidades pertencem à Seção. Seu nome deriva de uma forma polonesa popular de auto-organização estudantil: os círculos científicos. São grupos de estudantes que se reúnem com o objetivo de ir além de seus estudos universitários obrigatórios. As atividades típicas dos círculos científicos estudantis e de nossa Seção da APS são: organizar conferências científicas

Continua na página 14

QUEM ESTÁ CONECTADO? SOCIÓLOGOS E A DIVISÃO DIGITAL GLOBAL

Por Jen Schradie, Universidade da Califórnia, Berkeley

Bancos de dados bibliográficos, máquinas de escrever e microfichas já foram ferramentas tecnológicas do intercâmbio acadêmico. Hoje, muitos sociólogos confiam no *Jstor*, em *laptops* e no *EndNote*. Mas e quanto a sociólogos do Hemisfério Sul? Quando pesquisadores começaram a estudar a divisão digital, no início da década de 1990, eles examinaram a lacuna binária entre pessoas com e sem acesso à Internet. Porém, as complexidades do uso cotidiano da Internet levaram a análise a incluir estratificações por atividades, nível de habilidade, recursos tecnológicos, e outras variáveis. Alguns estudiosos (p. ex.: Ono e Zavodny, 2006) compararam o índice de conexão com a Internet entre países, mas poucas pesquisas examinaram as diferenças digitais que os acadêmicos enfrentam por entre o espectro político e econômico das nações. Para a ISA (*International Sociological Association*), a desigualdade digital entre os membros poderia afetar o modo como nos comunicamos uns com os outros. Por exemplo, a colaboração online não necessariamente poderia solucionar os problemas que sociólogos de universidades e países menos equipados possuem em arcar com viagens para conferências internacionais.

Uma observação dos dados ilustra os desafios que membros da ISA poderão enfrentar. Em primeiro lugar, a ISA classifica seus membros em países tipo A, B e C, baseada na economia do país

Comparação dos Índices de Acesso à Internet por Tipo de País da ISA

	Estados Unidos	Reino Unido	Brazil	África do Sul	Índia	Nigéria
Índice de Acesso à Internet	76%	76%	38%	9%	5%	16%
Tipo de economia da ISA	A	A	B	B	C	C
Número de membros da ISA	704	289	176	157	249	134

-Porcentagens baseadas em usuários da Internet de acordo com o índice populacional de 2008. Fonte de dados: Banco Mundial, Indicadores de Desenvolvimento Mundial – Última atualização em 24 de novembro de 2010. Para gráficos interativos, acessar dados públicos do Google: <http://tinyurl.com/264z5fy> - informação ISA dos dados disponíveis online, Junho, 2010.

de origem. Na categoria A, os Estados Unidos e o Reino Unido, países com o maior número de membros da ISA (tabela a seguir), tiveram um índice de acesso à Internet de 76%, em média, no ano de 2008. Provavelmente, todos os acadêmicos desses países possuem uma conectividade consistente e de alta qualidade, embora dados precisos não estejam disponíveis. Por outro lado, os dois países com maior número de membros na categoria C, Índia e Nigéria, tiveram índices de acesso de 5% e 16%, respectivamente.

Contudo, possuindo ou não um índice médio de conectividade de um país, nada é possível dizer sobre taxas de acesso de sociólogos à Internet, nem sobre as complexidades daquilo que eles podem fazer online. Um sociólogo nigeriano, por exemplo, pode ter um acesso básico à Internet, mas enfrentar outros constrangimentos: falta de computadores para seus alunos; constantes interrupções de energia elétrica; ter de pagar do próprio bolso por serviços de computador; falta de acesso ao último software de análise de dados ou escrita acadêmica (p. ex., Endnote, Stata, AtlasTi); e acesso limitado ao *Jstor* e periódicos em geral.

Philip Howard, um sociólogo da Universidade de Washington, denomina isso “divisão intelectual”. Ao conduzir a

pesquisa para seu último livro em países muçulmanos pelo mundo, *The Digital Origins of Dictatorship and Democracy* (2010), verificou que acadêmicos de países menos desenvolvidos podem se beneficiar de lideranças institucionais estatais fortes. Nesses países, as melhores tecnologias e acessos mais velozes à Internet (p. ex. banda larga) são, geralmente, fornecidos para a biblioteca nacional e as maiores universidades. Contudo, cabe à Universidade, freqüentemente em conjunto com a biblioteca nacional, distribuir quaisquer recursos tecnológicos. Isso geralmente significa distribuir a maior parte dos recursos para os departamentos que agregam mais valor ao Estado. O resultado é desigualdade por disciplinas. Estados vêm com freqüência, por exemplo, departamentos de engenharia tradicional e medicina como maiores fornecedores de valor público. As ciências sociais estão habitualmente no fundo da pilha, dependendo da matéria exata, portanto sociólogos podem não ter acesso à maior quantidade possível de periódicos relevantes, por exemplo. Agora que tantos periódicos estão online, assinaturas de publicações de engenharia e saúde pública, por exemplo, costumam ter maior prioridade que as de Sociologia. Por conseguinte, alguns sociólogos não têm acesso a artigos periódicos escritos por outros profissionais de sua área. Outros têm acesso 24h por dia, ao alcance de um clique de mouse.

Quais barreiras digitais você ou seus alunos enfrentam? A ISA está interessada em descobrir quais são as situações práticas encontradas por seus membros, a fim de que possa ajustar aquilo

que oferece de maneira que atenda as necessidades e preferências dos últimos. Envie seus comentários para Jen Schradie (schradie@berkeley.edu) e indique seu país, cargo e localização institucional.

Referências:

- Ono, H., Zavodny, M. 2007. “Digital inequality: A five country comparison using microdata”. *Social Science Research*. Volume 36, Issue 3, September, Pages 1135-1155.
- Howard, P. 2010. *The Digital Origins of Dictatorship and Democracy: Information Technology and Political Islam*. Oxford University

TANGO (CONTINUAÇÃO)

emocionante, mas existe muito a ser feito em um ano e meio.

Eu gostaria também de usar esta oportunidade para agradecer a todos que utilizaram seu tempo e esforço para apresentar propostas que abriram novas possibilidades para o ISA. Gostaria também de agradecer o presidente do ISA Michael Burawoy, o Comitê de Coordenação de Pesquisa, e o Comitê Executivo pelo trabalho conjunto para assegurar um processo seletivo justo. Um “grande” obrigado à Izabela Barlinska cujo escritório tem sido fundamental com a ajuda para preparar a documentação necessária e por coordenar as respostas ao convite à apresentação de respostas. As possibilidades do Fórum podem ser imensas. Seu sucesso residirá não somente no desenvolvimento de um programa de estimulação intelectual, mas também como um corpo internacional de cientistas, no trabalho com os políticos, ativistas da comunidade, e o público para resolver as grandes questões do nosso tempo.

CÍRCULOS CIENTÍFICOS (CONTINUAÇÃO)

de estudantes, discussões, reuniões com pessoas “interessantes”, conduzir pequenos projetos de pesquisa, eventualmente publicar revistas ou livros. A maioria dos projetos é realizada com apoio financeiro pequeno ou mesmo inexistente.

A seção dos “Círculos Científicos” da APS foi fundada em 2004 por um grupo de alunos de mestrado e doutorado. A ideia por trás da Seção era criar um fórum nacional que aumentasse parcerias e cooperação entre jovens sociólogos de diferentes cidades. A APS, principalmente o antigo presidente, o Professor Włodzimierz Wesolowski, acolheram a atividade dos estudantes e os ajudaram com as questões formais e organizacionais. Em pouco tempo, a Seção começou a exercer um papel cada vez maior no cenário dos jovens sociólogos, à medida que membros se afiliaram e novos projetos emergiram.

O maior projeto conduzido pela Seção nos últimos três anos realiza “Oficinas Itinerantes”. Até o momento, tivemos seis reuniões, de que participaram cerca de 125 estudantes e 25 cientistas. Baseando o projeto estava a observação de que a sociologia, como disciplina científica, difere em cada universidade. As Oficinas Itinerantes duram dois dias: de 15 a 30 estudantes de várias universidades vão a um instituto de sociologia para aprender junto à equipe acadêmica do local. A reunião é organizada por estudantes de um círculo científico, que convidam seus professores. Todas as atividades se concentram em um tema principal e o programa de cada reunião deve incluir uma introdução teórica e exercícios práticos. Em geral, alguma pequena

pesquisa é realizada — alguns dados empíricos são coletados fora da universidade por estudantes que depois os analisam com professores. Em nossa opinião, a “Oficina Itinerante” mais interessante foi a



Jovens sociólogos num recente encontro Associação Polonesa de Sociologia

organizada em Poznan, em março de 2009. Foi dedicada ao estudo de sociologia da vida cotidiana e cultura material. Uma breve história da sociologia em Poznan foi apresentada na palestra de abertura. Aprendemos sobre o primeiro professor de sociologia da

Continua na página 17

NOTAS SOBRE UMA SOCIOLOGIA ENGAJADA NA COLÔMBIA

Por Ana Lucía Paz Rueda, *Universidade de Icesi*

Existem 15 programas de sociologia na Colômbia, 6 em universidades privadas e 9 em públicas. A sociologia profissional emergiu em 1959 prestando especial atenção aos temas rurais, problemas políticos, mudança social e análises do Estado. Nas décadas que se seguiram, interesses sociológicos se expandiram para incluir uma sociologia industrial e urbana assim como a sociologia da cultura. A necessidade de redirecionamento para os problemas nacionais de violência e fragmentação social levou a busca por novas metodologias na década de 70, incluindo a “pesquisa de ação participativa”. Em 1969 havia uma crise política que levou a consolidação da disciplina em torno das grandes teorias sociológicas.

Nos anos 90, a disciplina ressurgiu com a criação de novos programas de sociologia no país. Nos últimos quinze anos, o número de programas ativos cresceu de 5 para 15. A maioria deles está hospedada em Colégios de Ciências Sociais e Humanidades, o que cria possibilidades de trocas interdisciplinares. Destes programas, 60% têm duração de 10 semestres, enquanto 40% têm duração de 8 semestres, cada um deles requer uma média de 155 créditos. Quase metade destes programas enfatiza pesquisa aplicada ou de intervenção social. A profissionalização é centrada na ideia de transformação social e de contribuição para compreender, analisar e solucionar problemas na Colômbia. Na Colômbia, existem pelo menos 22 centros de pesquisa que incluem sociologia e cerca de 75% destes estão vinculados a universidades públicas. A formação sociológica foca na

metodologia (25%), cursos interdisciplinares (25%), tópicos de sociologia (18%) e teoria (15%). Cursos de metodologia equilibram abordagens quantitativas e qualitativas e existe um crescente interesse na criação de cursos de gerenciamento e políticas sociais. Os cursos teóricos ainda são fortemente centrados nos trabalhos de Marx, Weber e Durkheim que são ensinados em 9 dos 15 programas.

Esta breve comparação nos mostra que a sociologia colombiana tem tido uma longa trajetória e enfrenta desafios importantes. Há um potencial de crescimento, como ilustrado pelo crescente interesse de várias organizações acadêmicas para trabalharem dentro de uma estrutura sociológica. Existem ainda, ao menos, três áreas para serem aperfeiçoadas: 1) o fortalecimento do debate público em torno das questões-chave para o país: a economia, a justiça, a produção da cultura pública; 2) aumentar a atenção dada as novas visões estruturadas e sistêmicas do mundo que podem capturar tendências emergentes; 3) aperfeiçoar e expandir os meios para alcançar a vida das pessoas. Precisamos criar formas de diálogo que possam ser lidas não somente por nossos colegas, mas pelos legisladores e atores sociais. A sociologia está bem preparada para criar esas conexões, talvez seja devido às suas pretensões universalistas derivadas da filosofia ou talvez porque isto é o que define a sociologia. Nós temos que criar formas inteligíveis de ação em colaboração com outros. Precisamos de sociólogos que possam pensar e fazer esas conexões, que possam intuitivamente reconhecê-las ou inventá-las na teoria e na prática.

RINS FRESCOS (CONTINUAÇÃO)

espanhola” ou “minha mãe era uma mãe-de-aluguel indiana. Deste modo, através da manipulação bio-científica, a desigualdade global está sendo incorporada pelo corpo humano e pela identidade.

Mas, a narrativa da cosmopolitização não é apenas uma nova versão da velha narrativa do colonialismo e do imperialismo? Como Stuart Hall popularmente escreve: *“Nós temos sido sempre o açúcar na xícara de chá do inglês”*. Há de fato uma continuidade e uma diferença que deve portanto ser esclarecida e reconhecida. A noção de cosmopolitização deve superar o “viés espacial” na maior parte do discurso da globalização e tornar-se sensível às histórias presentes nas “feridas culturais” de hoje. Mas também se trata da antecipação do futuro no presente, da “modernização reflexiva”, porque as “vitórias” do capitalismo global, combinadas com as tecnologias de comunicação e médicas e seus “efeitos colaterais” corrompem as instituições e dualismos básicos entre a modernidade de estados-nação do Norte e do Sul — nacional/internacional, nós/ eles, cultura/natureza, centro/periferia. Nós podemos até mesmo estar testemunhando uma virada radical na cosmopolitização do mundo. Não são os ex-centros que estão sendo “pré-colonizados” pelas regiões em desenvolvimento “colonizadas *ex-post*”, especialmente pela China e pela Índia? A China, por exemplo, atualmente interfere em assuntos europeus, comprometendo-se a combater a crise na Europa, além de proteger seus investimentos. Ao abraçar a Europa, a China se ajuda. Isto também é cosmopolitização.

Então uma coisa é certa: não importa se os clássicos da sociologia têm sido pioneiros no “cosmopolitismo metodológico” ou não — o “nacionalismo metodológico” hoje cega tanto a sociologia “do Norte” quanto a “do Sul” sobre os fatos epocais da cosmopolitização.

Por quê? A contemplação nacional — uma terra, um passaporte, e uma identidade — é uma versão secular da Santíssima Trindade. Assim, a atitude nacional em direção à desigualdade social é invertida. Ela para nas bordas do Estado-nação. Desigualdades sociais podem florescer e prosperar, mas sempre do outro lado da cerca do jardim nacional; isto é, na melhor das hipóteses, é motivo de

indignação moral, mas isto é politicamente irrelevante.

As fronteiras nacionais desenham uma distinção nítida entre nós e eles, desigualdades politicamente relevantes e irrelevantes. O foco legalmente institucionalizado se apóia em desigualdades dentro de sociedades nacionais; ao mesmo tempo, as desigualdades entre sociedades nacionais estão enfraquecidas. A ‘legitimação’ das desigualdades globais é baseada num institucionalizado ‘olhar sobre

“ ...Nós precisamos definir, descobrir e combinar quadros pós-nortistas e pós-sulistas. ... ”

o outro’. Bastante utilizado, por exemplo, na Europa, o olhar nacional é ‘livre’ de olhar para a miséria do mundo. Ele opera através de uma dupla exclusão: ele exclui o excluído. E a sociologia da desigualdade, que iguala a desigualdade com a desigualdade do Estado-Nação, é irrefletidamente parte disso. É de fato, surpreendente, como desigualdades globais são firmemente ‘legitimadas’ com base no acordo tácito entre o governo do Estado-Nação e a sociologia do Estado-Nação — uma sociologia que diz ser livre de valor!

Raewyn Connell argumenta: *“O caminho para romper com o quadro do pensamento eurocêntrico é, certamente, estudar os quadros não eurocêntricos de pensamento”*. Eu não concordo. No mapeamento dos diversos tipos de modernidade que compõem o mundo de hoje, precisamos definir, descobrir e combinar quadros pós-nortistas e pós-sulistas. O objetivo não é reafirmar as ilusões de um objetivo de perspectiva divina de lugar nenhum, mas encontrar respostas concretas para o problema sociológico do cotidiano, situados em algum lugar na França, Austrália, Japão, México, Índia, África do Sul, etc.: como pesquisar as mesclas e as combinações do mundo cosmopolitizados?

Isto é tudo o que a teoria cosmopolita tem para oferecer? Onde está sua crítica e ambição? Não é a cosmopolitização impura suscetível a contribuir com o ‘status quo’ para servir como suporte

Continua na página 17

O PROJETO DE INTERFACE GLOBAL: LIGANDO A SOCIOLOGIA AOS MOVIMENTOS DE ATIVISTAS

Por Cristina Flesher Fominaya, Universidade de Aberdeen

Interface: Um Periódico Para e Sobre Movimentos Sociais é uma revista multilíngüe, de conteúdo irrestrito, que objetiva construir um diálogo global entre ativistas e acadêmicos que trabalham com movimentos sociais, atravessando diferenças de língua, cultura e ideologias, e entre tradições disciplinares e de ativistas. A idéia nasceu de um grupo de praticantes-acadêmicos que sentiam que as revistas acadêmicas existentes sobre movimentos sociais freqüentemente pareciam desconectadas dos movimentos que elas estudavam de duas maneiras-chave: em primeiro lugar, as preocupações teóricas dos produtores de conhecimento nem sempre eram tão relevantes ou úteis para os temas de pesquisa (os próprios movimentos sociais); e, em segundo lugar, elas não necessariamente conheciam o valor ou as contribuições dos próprios movimentos enquanto produtores de conhecimento. Ao mesmo tempo, os movimentos produziam

conhecimento, disseminado através de seus *websites* e outras mídias, freqüentemente tinham um foco restrito nos assuntos que os preocupavam, mas não necessariamente tinham muito a dizer para outros movimentos de diferentes realidades geográficas e políticas. Os editores fundadores da Interface tiveram a visão de juntar essas duas importantes fontes de conhecimento sobre aquelas que ainda são divisões globais muito reais (ver Cox e Flesher Fominaya, Tópico 1).

Nós queríamos que a estrutura do coletivo editorial refletisse nossas aspirações globais — e levou dois anos para desenvolver um modelo que funcionasse para nós. Além do fato de sermos um coletivo virtual, no qual alguns membros nunca se encontraram pessoalmente, e de não termos fonte de financiamento alguma, há dois elementos diferenciadores que definem a abordagem editorial da revista. Um deles é o coletivo editorial descentralizado,

Continua na página 16

O PROJETO DE INTERFACE GLOBAL (CONTINUAÇÃO)

organizado em grupos regionais semi-autônomos, contando com um a três editores e um grupo de colaboradores cada. Esses grupos lidam com as submissões de suas regiões e trabalham com colaboradores no que esperamos que seja um processo editorial simpático e apoiador.

O Segundo aspecto do periódico é um processo de revisão por pares um tanto incomum, no qual nossos colaboradores revisam cada artigo com preocupações tanto sobre seu potencial ativista quanto acadêmico. Em princípio, isso significa a revisão por um ativista e um acadêmico; na prática, como frequentemente eles são um só, pedimos aos revisores para direcionarem seus comentários à relevância dos artigos para ativistas ou acadêmicos. Nós nos esforçamos para publicar trabalhos que tenham relevância para ambos



Primeira edição da Interface - Foto de Elizabeth Humphrys.

os públicos, e que contribuem para além das especificidades do movimento empírico específico ou da discussão em questão. Os números são organizadas por temas em torno de preocupações específicas dos editores, que se revezam como editores coordenadores de um número específico.

Desde a sua estreia em 2009, publicamos números sobre o saber dos movimentos, sobre a relação entre sociedade civil e movimentos sociais, sobre crise e transformações revolucionárias, e sobre movimentos e mídia alternativa.

Novos números estão em processo, sobre repressão e movimentos sociais e sobre feminismo e movimento de mulheres. Todas as nossas discussões também incluem contribuições não-temáticas. Até agora, com a ajuda de muitos colaboradores, publicamos artigos, entrevistas com ativistas, editoriais, notas de ação, documentos-chave, debates, resenhas de livros e ensaios em seis línguas diferentes, de autores localizados em Angola, Argentina, Austrália, Áustria, Brasil, Inglaterra, Canadá, Alemanha, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália, Letônia, México, Noruega, Palestina, Portugal, Rússia, África do Sul, Coreia do Sul, Espanha, Suécia, Tailândia, Turquia, Estados Unidos e Venezuela. Desde março de 2010, recebemos visitas virtuais de leitores de mais de 130 países. Estamos abertos a contribuições, leitores e colaboradores através do site www.interfacejournal.net.

MULTIVERSALISMO: UM NOVO PARADIGMA? (CONTINUAÇÃO)

Ketut Ardhana (Udayana University, Bali) fez uma apresentação sobre os estudos culturais da Indonésia e Carmen Bueno Castellanos (Universidade Iberoamericana, Cidade do México) discutiu o campo da antropologia social no México. Castellanos insistiu numa

colaboração mais equitativa entre o norte e o sul e entre acadêmicos, por um lado, e ONGs, empresas e organizações internacionais, por outro.

Os participantes também discutiram como o conhecimento científico pode incluir o conhecimento indígena. Michael Christie (Universidade Charles Darwin, Austrália) nos informou a respeito de uma colaboração entre sua universidade e uma sociedade aborígene australiana. Por muitos anos, pesquisadores (incluindo co-pesquisadores aborígenes) têm trabalhado a conexão entre tecnologia digital e sustentabilidade da comunidade, a transmissão inter-geracional de conhecimento tradicional, mas também o uso do conhecimento tradicional no ensino universitário e pesquisa. Na mesma linha, César Carrillo Trueba (Universidade Nacional Autônoma do México) mostrou um exemplo interessante sobre a relevância da agricultura e medicina indígenas no México.

Participantes também atentaram para o “nó” foucaultiano poder e conhecimento. Desta maneira, eu demonstrei como o sistema universitário e o seu sistema de produção de conhecimento social influenciam grandemente a formação da elite na Arábia Oriental. As universidades têm frequentemente seccionado elites, separando aqueles que publicam mundialmente e sucumbem localmente daqueles que publicam localmente e sucumbem mundialmente. Defendi o diálogo e traduções interculturais a fim de construir uma ponte entre o global e o local: a produção de pesquisa social, então, se transforma em universal através do seu diálogo com pares internacionais e relevante através de sua conversação com comunidades locais. Pablo Kreimer (Universidade Nacional de Quilmes, Argentina) elaborou o mesmo dilema global-local, com base em seu estudo sobre ciência, tecnologia e sociedade na América Latina. Nas “periféricas, mas globalizadas” sociedades, por exemplo, existem tensões entre as culturas científicas inseridas em campos transnacionais e o conhecimento local; ou entre práticas laboratoriais, supostamente aplicáveis em qualquer contexto, e atores na sociedade civil, aqueles que só podem questionar os efeitos da ciência, mas não sua base epistemológica.

Cláudio Costa Pinheiro (Escola de Ciências Sociais e História, Rio de Janeiro) forneceu dois exemplos convincentes sobre a conexão entre poder e conhecimento. Primeiro, a idéia de “Terceiro Mundo” do demógrafo francês Alfred Sauvy, foi desenvolvida no Brasil e publicada pela primeira vez em 1951 numa revista acadêmica brasileira de prestígio, mas se tornou um conceito “universal” somente quando foi publicada no ano seguinte, na revista francesa *Observateur*. As origens da teoria do “Terceiro Mundo” no Brasil foram apagadas, refletindo a clivagem entre o Norte (criador da teoria) e o Sul (consumidor da teoria). De qualquer forma, em contraste com a teoria do “Terceiro Mundo” Pinheiro deu o exemplo da teoria da dependência que foi capaz de viajar do Brasil para os hemisférios norte e sul. Até o momento, para o norte, esta teoria estava associada a uma “ideologia” quando era na verdade um poderoso movimento intelectual.

CÍRCULOS CIENTÍFICOS (CONTINUAÇÃO)

no pós-guerra. A parte teórica da reunião consistiu em duas palestras. O Professor Rafal Drozdowski apresentou nove razões por que a sociologia da vida cotidiana está em voga. Na segunda palestra, o

Continua na página 17

CÍRCULOS CIENTÍFICOS (CONTINUAÇÃO)

Professor Marek Krajewski nos apresentou ao estudo de objetos materiais. Ele argumentou que as relações entre povo e artefatos são simétricas. É importante mencionar que ambos os palestrantes são pesquisadores de destaque de suas áreas na Polônia. Durante os exercícios práticos, os estudantes se dividiram em grupos com quatro pessoas e procuraram coisas comuns e incomuns. Durante o estudo de campo, observações foram anotadas ou gravadas usando câmeras filmadoras e gravadores de áudio digitais, em diferentes distritos de Poznan. Depois de voltar à universidade, os estudantes apresentaram os resultados de seu trabalho. A discussão mostrou que pertencer à categoria de coisas incomuns é fortemente relacionado à definição social da situação.

A criação dos “Círculos Científicos” da APS levou à criação de outro projeto, a Escola de Líderes de Jovens Sociólogos, concebida para treinar os líderes de nossos círculos em gerenciamento de grupo, comunicação e negociação. O treinamento durava de quatro a cinco semanas, todos os anos, e era realizado em cidades diferentes. Deste modo, os jovens sociólogos poderiam se encontrar e, ao mesmo tempo, os diferentes círculos científicos poderiam expor suas atividades. Embora a Escola de Treinamento de Liderança nunca tenha sido formalmente vinculada à seção da APS, a maior parte de seus quase 100 alunos formados se tornou membro da Seção e, com grande entusiasmo, contribuiu com seus projetos.

SHUJIRO YAZAWA (CONTINUAÇÃO)

desde então, o setor das associações nacionais foi ficando cada vez mais forte e, por isso, atualmente, ela é uma combinação de comissões de pesquisa e associações nacionais. Ainda não consigo encontrar um papel para as pessoas físicas. E por mais que a ISA seja a única organização com capacidade e interesse em desenvolver sociologias realmente globais, portanto, com isso em mente, devemos construir sua inteligência organizacional.

RINS FRESCOS (CONTINUAÇÃO)

na governamentalidade global? Ou a teoria cosmopolita possui o poder de organizar e dispor de recursos para impulsionar sua influência crítica? Pode ele agir de forma autônoma em cosmopolitismos auto-reflexivos críticos (plural!)? Sim, ele pode, mas isto é outra questão.

Obrigado, Raewyn, pela lista de leitura alternativa!